

O SIMBOLISMO DA BANDEIRA NACIONAL BRASILEIRA

Rubens de Azevedo

São decorridos 93 anos da instituição da atual Bandeira Republicana do Brasil. Calcada que foi na Bandeira Real de D. Pedro I, desenhada por Jean-Baptiste Debret, sob a orientação de José Bonifácio e do próprio D. Pedro, a atual Bandeira é um exemplo de extraordinário simbolismo: contém toda a simbologia brasileira e vai mais além no passado, mostrando as tradições de Portugal e da Península Ibérica, atingindo mesmo a França. Sob esse aspecto é a nossa Bandeira única em todo o mundo.

Começemos pelas suas cores. De onde nos vem o *verde*? Das profundezas da história do mundo. Representa o primeiro objeto que funcionou como bandeira — os galhos das árvores. O culto da árvore remonta à Babilônia e ao Egito antigo. Havia, na Mesopotâmia, uma “árvore sagrada”. Segundo a Bíblia, é sob a Árvore da Sabedoria e da Vida que se inicia a saga humana. Em Roma, os soldados empunhavam o manípulo, feixe de folhas verdes atadas às lanças. Os árabes, em meio às guerras entre várias dinastias, escolheram o verde das plantas como cor oficial do Islão.

Os Lusos nasceram sob o signo do verde — era esta a cor do Dragão desenhado no estandarte de Viriato; a Casa de Aviz tinha essa cor por emblema, o mesmo acontecendo com as bandeiras de D. João I, Nuno Álvares e Dom Pedro II, de Portugal. O verde era, também, a cor da Casa de Bragança e foi o verde escolhido por D. Pedro I, do Brasil, para a nossa Bandeira Imperial.

O *azul* nos leva às origens do Condado Portucalense e da própria nacionalidade lusitana; homenageia, também, Nossa Senhora, Padroeira de Portugal e do Brasil.

O *branco*, soma de todas as cores, conforme nos ensina a ciência, representa a plenitude do ser e do poder e a ausência de sentimentos belicosos, ameaças e insegurança, como nos afirma Pedro Calmon, que considera nosso Pendão como “idealista, limpo de ódios históricos, de intenções agônicas, de desesperos épicos”.

O *amarelo* era a cor representativa das Casas de Castela e de Lorena e figura em todas as bandeiras de Portugal e do Brasil — aqui aparecendo através do ouro da Esfera Armilar da bandeira do Principado do Brasil, nossa primeira bandeira, instituída por D. João IV.

As cores da nossa Bandeira justificam-se, portanto, dentro do processo de nossa formação histórica.

O desenho da Bandeira, criticado pelos estetas, tem sua justificativa: se, como dizem alguns heraldistas, o desenho é primitivo, leva-nos, por isso mesmo “à fase do desenvolvimento intelectual e artístico do homem primitivo e das crianças de todos os tempos”, no dizer de Raimundo Olavo Coimbra, grande historiador da nossa Bandeira. O losango, conforme o mesmo autor, “é a representação da Mulher, em sua tarefa de mãe, irmã, esposa e filha, sendo recordação, também, e de novo, da principal Mulher do Cristianismo”.

Quanto ao globo azul, ou seja, à Esfera Armilar existente na Bandeira, é um símbolo de particular interesse para os estudiosos. Representa a Astronomia e a Navegação, e é símbolo aproveitado por D. Manoel, sob cujo reinado foi descoberto o Brasil. A Esfera continuou presente nas bandeiras que se seguiram, como a do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve e a Bandeira Imperial de Dom Pedro I. Hoje ela se mostra simbolicamente em nossa Bandeira, como um Pálio azul estrelado.

O Céu representa em nossa Bandeira, o momento em que se proclamou a República e ostenta as principais constelações que brilhavam no céu, na madrugada de 15 de novembro de 1899, e cujo aspecto se repete todos os anos. “Enquanto o mundo for mundo — diz o civilista José Feliciano — o aspecto da Bandeira lembrará os fundamentos celestes de nossa querida pátria. Nenhum 15 de novembro passará sem que o céu paire sobre nós, como indefectível bênção, como sacro testemunho, a rever os nossos progressos, com a placidez serena de uma regularidade exemplar”.

No céu da Bandeira, as estrelas simbolizam os Estados da Federação, como já representavam, em círculo, as províncias imperiais. Agora, elas se projetam irregularmente e em tamanhos diversos, numa aparente desordem que nada mais é do que a simbolização do nosso pensamento democrático. Todos os astros da Bandeira, como os do céu, giram ao redor de uma pequena estrela, que representa o fulcro, a origem mesma do progresso todo: nossa Estrela Polar, Sigma do Oitante. É o Distrito Federal pólo de nossa organização, centro de decisões do País. É o sinal permanente de nossa organização federativa.

Vemos na Bandeira as belas estrelas Sirius, a Sopdet egípcia, representação de Ísis, cujas lágrimas originaram o Nilo; Procyon, a Estrela da Síria; Canopus, alfa do Navio, simboliza a viagem de Jasão à Cólquida, na busca do Velocino de Ouro. Patente está a nossa homenagem ao berço das civilizações do mundo e às grandes navegações da Antigüidade.

Mas não é só: brilha, ali, também, o Cruzeiro do Sul, que Gustavo Barroso descreve assim:

“Impressa viste a Cruz nas brancas velas
dos fortes galeões peninsulares;
mas no teu céu já Deus a pendurara
como penhor divino do futuro”.

O Cruzeiro nos lembra, também, os primeiros nomes da nossa Terra — Vera Cruz e Santa Cruz; mostra, ainda, que o Brasil se encontra, quase todo, sob o céu meridional. Na Bandeira o Cruzeiro simboliza a Cruz de Cristo, assinalada nas velas das caravelas cabralinas. E também a gratidão dos brasileiros aos missionários que nos trouxeram, no dizer de Olavo Coimbra: “um arcabouço cultural tão forte que unificou nosso País numa só grande nação”. O Cruzeiro é, ainda, a estilização das Quinas Portuguesas. Alypio Bandeira, em seu poema “A Mais Bela”, declara:

“Do Porvir, do Presente e do Passado,
pátrios e humanos claramente fala,
e por obra do acaso afortunado,
o Céu do Quinze, altíssimo, propala”.

A faixa branca que cinge, obliquamente, a Esfera,
“corta o Globo, dois terços dominando,
a planetária zona reclinada”.

Seria ela a faixa zodiacal, o caminho dos mundos, região do céu por onde caminham o Sol, a Lua e os planetas; mas pode representar, também, o Equador; muitos nela vêem uma imagem do rio Amazonas.

Muitos heraldistas criticam a divisa inscrita na faixa, declarando ser um erro inscrever qualquer divisa numa bandeira ou estandarte. Se erro for, não estamos sós, pois em todas as bandeiras militares americanas, anteriores à Independência, há dísticos — a maioria deles em latim. Ainda hoje, boa parte dos pavilhões estadunidenses conservam legendas, como os de Arkansas, Califórnia, Idaho, Kansas, Kentucky, Lousiânia, Iowa, Dakota do Norte e do Sul, Oregon. Rosas, no auge do seu absolutismo, inscreveu em sua bandeira o lema “Federação ou Morte!” contradizendo, por sinal, a sua política unitária. No Brasil Holandês, não tivemos o monograma da Companhia das Índias Ocidentais, combinando com o nome de Maurício de Nassau?

Vários países ostentam, hoje ainda, frases em suas bandeiras, além do Brasil: Arábia Saudita, Sikkim, Ruanda, Ilhas Virgens, Guam, Afeganistão, Espanha, Guatemala, Nicarágua, Guiné e Paraguai.

Olavo Coimbra lembra que a legenda recorda o culto que temos pelo nosso idioma: “o idioma nacional se injeta na estrutura simbólica da Pátria, alegrando os olhos e os ouvidos de brasileiros, principalmente quando no exterior”.

A Bandeira nacional representa o coroamento de um projeto que vem de longe, atravessando os séculos. Não é trabalho de um só indivíduo e sim, como declarou Polli Coelho, “obra coletiva, símbolo perfeito que é da nacionalidade passada, presente e futura”.